

de Campos e Eduardo Ramos: alcança apenas dois votos no 1º escrutínio; um voto nos seguintes, o de João Ribeiro. No ABC de 31 de março de 1917, escrevera sobre a Academia: “A Academia começou com escritores, tendo estes por patronos também escritores; e vai morrendo suavemente em cenáculo de diplomatas *chics*, de potentados do *Silêncio é ouro*, de médicos afreguesados e juizes *tout à fait*”. Na *Revista Contemporânea* de 15 de fevereiro de 1919, desencara ilustre acadêmico: “O sr. Coelho Neto é o sujeito mais nefasto que tem aparecido em nosso meio intelectual. Sem visão da nossa vida, sem simpatia por ela, sem vigor de estudos, sem um critério filosófico ou social seguro, o sr. Neto transformou toda a arte de escrever em pura *chinoiserie* de estilo e fraseado”. Só o título do artigo já era agressivo: “Histrião ou Literato”. Quando Dantas Barreto foi eleito acadêmico, anotou: “Esse não levou um livro sob o braço; penetrou, em triunfo, com uma espada atravessada nos dentes”: Sua derrota não podia, pois, surpreender. Um ano antes, concorrendo, com o *Gonzaga de Sá*, aos prêmios da Academia, merecera apenas menção honrosa; o prêmio fora para Ronald de Carvalho, com a superficialíssima *Pequena História da Literatura Brasileira*, em que, citados dezenas de escritores vivos, o nome de Lima Barreto não aparece, quando era já autor de três romances e de contos de excelente qualidade. Sua resposta à derrota, na *Careta* de 13 de agosto de 1921, reveste-se de alguma ingenuidade, mas da alta dignidade que os ingênuos às vezes possuem: “Se não disponho do *Correio da Manhã* ou do *O Jornal*, para me estamparem o nome ou o retrato, sou alguma coisa nas letras brasileiras e ocultarem o meu nome ou o desmerecerem é uma injustiça contra a qual eu me levanto com todas as armas ao meu alcance. Eu sou escritor e, seja grande ou pequeno, tenho direito a pleitear as recompensas que o Brasil dá aos que se distinguem na sua literatura. Apesar de não ser menino, não estou disposto a sofrer injúrias nem a me deixar aniquilar pelas gritarias dos jornais. Eu não temo abaixo-assinados em matéria de letras”.

O *Gonzaga de Sá* seria, entretanto, insucesso surpreendente de venda<sup>(262)</sup>. A vida esmagava o romancista, levando-o ao Hospício. É ali que, a

(262) “Nessa fase deu-se, porém, um caso, que até hoje desafia a nossa argúcia quando frequentemente o recordamos; certo dia recebe Lobato do Lima Barreto a proposta da edição de um novo romance seu, com cessão de direitos autorais, e outros detalhes: o preço estipulado pelo grande e boêmio romancista era alto, mas não excessivo: Lima Barreto era conhecido e prestigioso nas letras, mercê do *Isaías Caminha*, do *Policarpo Quaresma*, do *Homem que sabia japonês* e dezenas de outras produções avulsas, que de há muito o haviam sagrado entre os mais notáveis escritores brasileiros; livro seu, novo, que aparecesse, havia de ter larga e imediata saída e, por certo, frequentes reedições. Negócio fechado. (...) Pois, ao contrário, foi um malogro completo: o romance que, como os demais do Barreto, tinha um título frascológico e chamava-se *Vida e Morte de M. J. Gon-*